

Sede de Prazer

REASONABLE DOUBTS

Brooke Hastings



Para Greg, o seria perfeito se desejasse.

amor de Laura só ela também o

As mãos quentes de Greg percorrem o corpo de Laura, acariciando cada curva com avidez. Ela ama e deseja esse homem, mas teme que a frigidez que a atormenta há anos a domine mais uma vez no momento da entrega total.

“Não tenha medo”, sussurra Greg. “Vou provar a você que sou capaz de fazê-la alcançar as estrelas!”

Louca de paixão, Laura, então, entreabre os lábios, ansiosa para vê-lo cumprir aquela doce promessa.

Digitalização: Tatja
Revisão: Cassia



REASONABLE DOUBTS
© 1984 Deborah Gordon

Originalmente publicado pela Silhouette Books, Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

SEDE DE PRAZER
© 1986 — para a língua portuguesa
Editora Nova Cultural Ltda.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Intimate Moments e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Tradução: Luís Carlos Borges

Nova Cultural — Caixa Postal 2372 — São Paulo

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda.

E impressa na Editora Parma Ltda.

CAPÍTULO I

“Em menos de uma hora estarei cara a cara com o filho do homem que matou meu pai.”



O pensamento ocorreu a Laura Silver no momento em que se preparava para sair do avião. E, pela centésima vez naquela semana, fez-se a mesma pergunta: “Por que estou fazendo isso?” A resposta só podia ser uma: viajara três mil milhas de Boston à Califórnia, porque haviam lhe oferecido a melhor oportunidade profissional da sua vida.

Quase uma hora depois, Laura esperava nervosamente na recepção do escritório de Gregory Steiger. Se por acaso tivesse alguma dúvida, uma simples olhada ao redor seria mais que suficiente para assegurar-lhe que estava na Califórnia. A parede de vidro em frente à entrada era precedida por uma verdadeira selva de plantas exuberantes acomodadas em cachepôs de vime que haviam sido colocados sobre prateleiras de alturas variadas. O carpete era bege e os estofados feitos de couro de primeira. A loira sentada atrás da escrivaninha de carvalho usava um esplêndido vestido verde e tinha a aparência de manequim.

Enquanto Laura imaginava a fortuna que deveria ter custado aquele vestido, o telefone tocou. A moça o atendeu imediatamente.

— Era o Dr. Duval — ela informou. — Ele já está vindo para cá.

Há quinze dias, Laura havia ficado surpresa, e também lisonjeada, quando Charles Duval, bioquímico vencedor do Prêmio Nobel, a convidara para trabalhar com ele no Instituto Steiger de Pesquisas Biológicas, do qual era diretor. Ele lhe dissera que ali ela trabalharia com inteira liberdade e que disporia de tempo para estudar o que bem entendesse, além de ter à sua disposição os mais modernos recursos para pesquisa.

Realmente, aquela era uma proposta tentadora.

Se Duval trabalhasse para qualquer outro instituto no mundo, Laura teria aceitado sem pestanejar. Mas, o caso não era tão simples assim. O Instituto Steiger era mantido pela Corporação Steiger-Schumann, uma companhia química e farmacêutica que tinha muito a ver com a morte de seu pai.

Laura suspirou, sentindo-se um pouco tensa. Charles Duval estaria presente a sua entrevista com Gregory Steiger, atual presidente da corporação, e isso a tranquilizava um pouco. Contudo, ele parecia acreditar que uma conversa com Steiger seria suficiente para fazê-la aceitar o lugar. Laura duvidava. Como poderia esquecer o sofrimento que a empresa Steiger-Schumann havia causado a sua família?

Nesse momento Duval chegou, tão impressionante quanto a quinze dias. Nascido na Martinica, tinha quase dois metros de altura e a pele escura. Era um homem bonito e simpático, ao qual seus cinquenta anos davam um ar de distinção.

— Como vai, Laura? — ele cumprimentou, calorosamente, com seu sotaque característico. — Espero que tenha encontrado facilmente o carro que mandamos para buscá-la no aeroporto.

Após Laura ter assegurado que a viagem correria bem, Duval prosseguiu:

— Um dos problemas em dirigir o instituto é que, às vezes, sou obrigado a bancar o administrador, além de cientista. Hoje de manhã. . .

Foi interrompido pela campainha do telefone.

— Ambos estão aqui, Sr. Steiger — informou a secretária.

Minutos depois, um sorridente Gregory Steiger recebia Laura e Duval em seu escritório. Ao se dirigir ao presidente da companhia, Laura esforçava-se para não esquecer as lições de boas maneiras que sua mãe lhe havia dado. Precisava se comportar com educação, por maior que fosse o desconforto que sentia. Assim, ofereceu a mão a Steiger e permitiu que ele a apertasse, sem



demonstrar repulsa.

— É um prazer conhecê-la, Dra. Silver. Este é Christopher Petroni, vice-presidente da segurança.

Um homem enorme, de ombros largos, cumprimentou-a com uma afabilidade que desmentia sua aparência intimidante.

— Agora que já nos apresentamos, podemos conversar — continuou Steiger. — Aceita uma xícara de café, antes de começarmos a discutir sobre negócios?

— Sim, obrigada. Sem açúcar.

Laura esforçava-se para aparentar uma segurança que estava longe de sentir. A mera visão de Gregory Steiger conseguira deixá-la gelada. E surpresa: Já fazia dezesseis anos que seu pai havia morrido, mas o simples fato de estar diante de Gregory Steiger fora suficiente para lhe trazer de volta toda a dor que sentira ao saber da terrível morte do pai.

Médico dedicado, o Dr. Howard Silver queria salvar o mundo. Laura o idolatrava por isso. Naquele ano, os esforços do Dr. Silver haviam se voltado para o Vietnã.

Interessado em traumatologia, especialmente nos efeitos de ferimentos graves a bala, ele conseguira tomar parte numa excursão de trabalho patrocinada por uma organização médica internacional.

Quando um grupo de soldados americanos separou-se de seu pelotão e foi apanhado em uma emboscada, Dr. Howard era o médico que estava mais próximo do local. Muitos soldados haviam sido mortos, outros se encontravam gravemente feridos; dois, em especial, não poderiam ser removidos de helicóptero, sem uma cirurgia de emergência.

Howard Silver permanecera ao lado deles.

Talvez tudo tivesse corrido bem, se não fossem por dois acontecimentos: um avião americano, numa operação de rotina, pulverizou o local com um desfolhante químico, e, em seguida, os guerrilheiros que atacaram novamente. Então o Dr. Howard, ferido no ataque, fora dado como morto e abandonado na selva vietnamita, até que, muito mais tarde, alguns militares o encontraram ainda consciente.

Segundo os médicos do hospital para onde fora levado, o Dr. Howard teria sobrevivido aos ferimentos, se não houvesse sido exposto ao desfolhante 22CX, e um agente químico, produzido por Steiger-Schumann, durante a administração de Louis Steiger.

O velho Steiger, aposentado por motivos de saúde, não trabalhava mais na empresa, mas encontrar seu filho era, para Laura, tão traumatizante quanto encontrar o próprio Louis.

Laura seguiu Gregory Steiger com os olhos, enquanto ele servia o café. Aquele homem era um desconhecido para ela, mas Laura se lembrava perfeitamente de como era o pai dele. Vira-o apenas uma vez, quando, movida pela curiosidade, comparecera a uma convenção de industriais. Contudo, a imagem de Louis Steiger ficara gravada para sempre em sua memória. Agora, ela olhava para Gregory compulsivamente, tentando descobrir as semelhanças entre os dois. Encontrou-as nos olhos azuis e na estranha combinação de cílios longos, quase femininos, com as sobrancelhas marcantes, masculinas. Tanto o pai como o filho tinha o mesmo bronzeado e a mesma constituição atlética, embora Gregory fosse um pouco mais alto.

No entanto, as semelhanças terminavam aí, pois, ao contrário do pai, Gregory tinha cabelos fartos e escuros, com apenas algumas mechas grisalhas.



O corte curto dava-lhe a aparência de um banqueiro de Wall Street. Os lábios eram finos e o nariz menor e mais regular do que o do pai. Gregory Steiger era um homem bonito, confiante, e agia como se tivesse plena consciência de suas qualidades.

Laura finalmente desviou o olhar. Steiger dirigiu-se para uma poltrona e Laura encolheu os pés para que estes não esbarrassem nas pernas dele. Chris Petroni permaneceu de pé e Duval sentou-se ao lado dele. Um silêncio desconfortável reinava na sala, mas Laura nem ao menos notava, tão envolvida que estava em seus próprios pensamentos.

Olhou para a escrivanhinha. Louis Steiger já teria se sentado ali? Por acaso havia passeado sobre aqueles caros tapetes persas? Teria contemplado, através das enormes janelas, as colinas verdes a distância? A ideia deu-lhe um calafrio, como se o espírito daquele homem houvesse abandonado o corpo e estivesse ali para assombrá-la. A voz de Gregory, finalmente, tirou-a de seus pensamentos.

— Charles contou-me muito a seu respeito, Dra. Silver. Quero que fique ciente de que é um prazer para nós saber que está estudando a possibilidade de trabalhar conosco.

— Na verdade, estou aqui por causa de minha admiração pelo Dr. Duval — ela replicou, com franqueza. — Ele acha que esta entrevista pode mudar minha opinião a respeito da Steiger-Schumann, mas, honestamente, eu duvido.

— A senhorita não gosta de subterfúgios, não é? — ele observou. — Isso é bom. Eu também não gosto. Portanto, vamos direto ao assunto. Sinto muito pelo que aconteceu há dezesseis anos, mas não tive nada a ver com o incidente. Era apenas um universitário naquela época. Espero que compreenda isso.

Racionalmente, é claro que Laura compreendia. Mas, mesmo assim, não ia deixar que sua raiva desaparecesse tão facilmente.

— E o que me diz dos produtos que industrializa atualmente? Um dia, sua companhia garantiu que o 22CX era absolutamente seguro e estava enganada. E agora? Tem ideia do que seus produtos podem estar fazendo ao equilíbrio ecológico da Terra? Sabe de que modo afetam as pessoas que os manipulam, ou que são obrigadas a consumir os alimentos sobre os quais eles foram pulverizados? O que acontece com a carne dos animais que comem esses alimentos? E, finalmente, teria agido da mesma forma que seu pai, se estivesse no lugar dele há dezesseis anos atrás?

— Já estou cansado de escutar essa conversa de ecologistas radicais, Dra. Silver. Nada é completamente seguro. Às vezes, parece que tudo neste mundo causa câncer ou doenças do coração. Mas a verdade é que não se pode desfrutar das vantagens de uma vida moderna, sem aceitar alguns riscos.

Gregory estendeu a mão e tocou a manga do suéter de Laura.

— As roupas que usa, por exemplo. . .

— Meu suéter é de lã pura, Sr. Steiger, e os jeans são de algodão.

— E suas roupas íntimas? Também são de algodão?

À contragosto, Laura sentiu-se enrubescer.

— São sintéticas — admitiu. — Mas não precisa me fazer uma palestra sobre fibras sintéticas. Sou uma cientista e é óbvio que não sou radical a ponto de querer voltar a viver em uma caverna.

— E é óbvio que eu não pretendo arriscar a saúde de meus empregados, ignorando as normas de segurança do governo — Steiger retrucou. — Também não tenho nenhuma intenção de poluir os mananciais de água, jogando



detritos neles. Minha companhia cumpre a lei, Dra. Silver.

Isso era verdade. Laura jamais teria ido à Califórnia, se a Steiger-Schumann fosse uma daquelas companhias enterradas até às orelhas em processos judiciais, por agressão ao meio ambiente.

— Sei disso — ela concordou. — Mas, o que me diz da minha primeira pergunta?

— Ninguém suspeitava que o 22CX poderia ser perigoso para os seres humanos, além das plantas. Mas o governo queria um desfolhante para ocasiões em que não fosse possível usar o Agente Laranja e nossa companhia achava que tinha um produto adequado. Fez uma oferta que foi aceita. Pessoalmente, acho que aprendemos a ser mais cuidadosos, depois do que aconteceu.

— Em outras palavras: o senhor teria feito a mesma coisa que seu pai, não é?

— Sim. Sabendo o que sabíamos há dezesseis anos, eu teria feito a mesma coisa. Seria fácil dizer, hoje, que faria mais testes. Mas o fato é que o governo não pediu mais testes. Um grupo de ex-combatentes moveu um processo contra a companhia, porém a Suprema Corte nos inocentou. E acredite: ao contrário de meu pai, não me ressinto pelo fato de a companhia ter sido obrigada a pagar cem mil dólares de indenização à sua mãe.

Laura ficou imaginando o que se esconderia por trás daquele pequeno discurso. Um verdadeiro reconhecimento de culpa ou apenas o desejo de acalmá-la? Afinal, o pai dele fizera a mesma coisa, convencido pelo advogado de que enfrentar o processo movido por uma viúva com duas filhas seria um prejuízo muito maior para a imagem da companhia do que pagar aquela indenização de cem mil dólares.

— Veja, por exemplo, o tipo de pesquisa que conduz — ele continuou, ao perceber que Laura não tinha comentários a fazer. — Não pode ter certeza de que não irá criar algum novo tipo de bactéria perigosa, ou até mesmo mortal, para os seres humanos. E se o fizesse...

— Tenho a certeza de que conhece o tipo de precauções que tomamos, Sr. Steiger. Afinal, o senhor é um dos poucos a possuir um laboratório P4 no país.

O laboratório P4 era um dos equipamentos de pesquisa mais caros que existiam, e era usado somente nos casos onde havia necessidade de segurança máxima. O material a ser estudado era colocado dentro de um compartimento de aço inoxidável, equipado com visores. Os cientistas manipulavam o material através de luvas encaixadas nos visores.

Além disso, como precaução extra, os pesquisadores entravam no laboratório através de uma câmara de compressão, e eram obrigados, ao sair, a se lavarem e trocar de roupa.

— Pelo seu olhar, parece não achar necessário um P4 para suas pesquisas, Dra. Silver.

— Não no tipo de pesquisas que faço, Sr. Steiger. Lido com a realidade, não com ficção científica. E não preciso de ameaças governamentais para ser cuidadosa. Se sua companhia tivesse metade do cuidado que costumo ter.. .

Laura não terminou a frase, contudo, não havia nenhuma dúvida quanto ao seu significado.

— Então, o que decide, doutora? Está interessada em examinar nossas instalações ou quer ir embora agora mesmo? — Duval perguntou.

Laura virou-se para ele.

— Você estava planejando uma visita pelas instalações?



— Exato. Espero que esteja interessada. Tenho certeza de que ficaria bem impressionada.

— Sem dúvida — Laura concordou rapidamente.

— Com bastante dinheiro qualquer um pode construir instalações impressionantes. Mas o que importa realmente, é a equipe que as utiliza.

Em seguida, Laura virou-se para Gregory Steiger. Ele tinha um ar de grande resignação e essa repentina aparência de vulnerabilidade anulou qualquer desejo de Laura de desferir mais um golpe contra ele. Por isso, ela se limitou a se despedir polidamente.

Após trocar algumas palavras com Steiger, Duval seguiu-a em direção à porta.

Laura podia sentir os olhos de Gregory acompanhando-a. Ao chegar à porta, olhou por cima do ombro e examinou Steiger dos pés à cabeça. Por um momento, ocorreu-lhe a ideia de que, por trás daquele típico homem de negócios, podia existir um ser humano complexo e sensível.

A ideia de dissecar um espécime masculino tão bonito a fez sorrir.

— Obrigada pelo tempo que me dispensou, Sr. Steiger — ela murmurou.

Em seguida, abriu a porta e saiu, seguida de Charles Duval.

Antes que o cientista fechasse a porta, Gregory percebeu sua expressão de curiosidade e decifrou imediatamente a mensagem: “Só Deus sabe o que ele está pensando”.

Gregory compartilhou do sentimento de Charles, e assentindo com a cabeça pensou que não enfrentava tanto “ímpeto feminino” desde o fim de seu casamento. Não se considerava um machão, mas não conseguia deixar de pensar que um homem lidaria com a situação de um modo mais profissional e prático. Porém, mais desconcertante do que o idealismo romântico de cientista era aquele sorriso enigmático que surgira nos lábios dela, antes de sair da sala. Que diabos poderia significar aquilo?

Enquanto Gregory pensava no estranho comportamento de Laura Silver, Chris Petroni se refestelava em uma das poltronas, com um ar divertido no rosto. Gregory, ao perceber a expressão de Chris, franziu a testa, levemente irritado.

— É muito cedo para um drinque? — perguntou.

Chris olhou para o relógio e sacudiu a cabeça.

— Já passa das duas. Não é tão cedo assim. E, se você vai se servir, acho que também tomarei um.

— Scotch?

— Ótimo.

Gregory atravessou a sala e abriu a porta que conduzia a um apartamento completo, onde havia cozinha, sala de estar e uma suíte. Enquanto despejava o uísque nos copos, pensava em Charles Duval. Ele lhe devia muitas explicações por haver trazido a Dra. Laura Ruth Silver para o instituto. Ela podia ser brilhante, mas era também um osso duro de roer.

Ao sair da cozinha, Gregory lançou um olhar à pasta que se encontrava sobre a mesa da sala de estar. Tratava-se de um relatório da segurança sobre Laura Silver. Gregory havia ficado intrigado quando Charles Duval lhe apresentara o relatório, pois o cientista raramente o consultava em assuntos como aquele. E, quando soubera do que se tratava, expressara francamente sua descrença de que Silver aceitasse trabalhar no instituto.

Porém, logo que Duval deixara claro o quanto queria trabalhar com ela, Gregory tomara todas as providências necessárias para trazê-la à Califórnia.



Nos seis anos de existência do instituto nunca dissera “não” a Duval. Em primeiro lugar, porque o homem era um gênio e Gregory considerava um privilégio custear-lhe as pesquisas, depois, porque os produtos feitos com base em suas pesquisas haviam rendido uma quantidade apreciável de lucros à companhia.

Gregory pousou os copos sobre a mesa e correu os olhos mais uma vez pelo conteúdo do relatório, uma detalhada lista de informações profissionais e pessoais sobre Laura Silver. Infelizmente, não conseguia sequer entender os títulos dos trabalhos publicados pela cientista e, menos ainda, os seus conteúdos. Sabia apenas que versava sobre a base genética do câncer, uma área na qual o instituto vinha fazendo razoáveis progressos, nos últimos anos.

As informações pessoais eram breves. Mencionavam que Laura Silver tinha uma irmã de vinte e três anos estudando medicina na Universidade de San Francisco e que a moça fizera uma série de empréstimos para pagar os estudos. Havia ainda informações sobre a mãe, Francês, que possuía uma empresa de relações públicas em Boston. O relatório mencionava também o casamento de Laura aos dezenove anos com um, certo Mark Smith, do qual havia se divorciado seis anos depois. O ex-marido, no momento, estava vivendo em Nova Jersey, havia se casado novamente e tinha dois filhos. Não constava nenhum outro envolvimento sentimental de Laura Silver. Aparentemente, a vida da cientista atualmente se resumia em seu trabalho, o que, na opinião de Gregory, era uma pena.

Gregory observou o último item da pasta, um artigo de revista intitulado Os bravos novos biólogos, onde havia uma fotografia de Laura, tirada em algum congresso.

Nenhuma das cientistas do Instituto Steiger-Schumann se parecia, nem de longe, com a Dra. Silver. Ela era pequena e estava com os cabelos vermelhos presos num coque, quando a foto foi tirada. A pele era clara, com algumas sardas quase imperceptíveis, o nariz pequeno e regular, sobrancelhas graciosamente arqueadas, os olhos de um verde profundo e a boca de traços delicados.

As roupas que vestia poderiam parecer masculinas, se fossem usadas por uma mulher com traços mais rudes ou com uma constituição mais robusta, mas o efeito delas na aparentemente frágil Laura Silver era exatamente o contrário.

Laura parecia extremamente feminina, até mesmo durante a entrevista que acabaram de ter, com o jeans e o suéter informais. Seu ar vulnerável trazia à tona todos os instintos protetores de Gregory. Subitamente ele se surpreendeu pensando no quanto ela deveria ter sofrido ao perder o pai, que provavelmente adorava. O fato era que Gregory tinha uma fraqueza por ruivas de olhos verdes. Tanto, que até se casara com uma. Porém, Eleanor, sua ex-esposa, possuía uma beleza mais madura do que a de Laura e era sem dúvida bem menos encantadora.

Mas, apesar da aparência frágil, Laura o deixara em estado lastimável depois da entrevista. Gregory sentia os músculos tensos na base do pescoço, e uma terrível frustração por não ter conseguido se aproximar daquela mulher tão desejável. Isso era o que o deixava mais irritado. Nunca se considerara um masoquista. Por que então se sentia atraído por uma mulher que o desprezava e que, ainda por cima, não fazia questão de esconder o fato? A displicência dos trajes com que ela se apresentara à entrevista, por si só, já era um insulto à educação formal à qual estava habituado.



Gregory massageou o pescoço e sorriu. Não podia negar, porém, que a calça jeans caía muito bem no corpo bem feito de Laura, acentuando-lhe as formas femininas. Talvez o corpo dela também tivesse; sardas. Ou será que não?

Gregory tomou um gole de uísque e desistiu de pensar naquilo. Laura Silver era muito desejável, porém inacessível para ele. Portanto, devia deixá-la de lado, para a sua própria paz de espírito.

Quando voltou ao escritório, percebeu que o sorriso de Chris Petroni se tornara ainda mais malicioso. Ao pegar o copo, ele perguntou com fingida indiferença:

— Sabe quem ela me lembra?

Gregory não respondeu e Chris percebeu que ele sabia exatamente do que estava falando.

— Não consegui imaginar uma maneira mais delicada de colocar o assunto, Greg. Conheço o tipo de mulher que o seduz, e obviamente você se sentiu atraído por essa doutora. Mas acho que não deveria. Laura Silver já é uma dor de cabeça em potencial sem que você se envolva com ela. Tenho certeza de que ela não permitirá que você, ou qualquer outro homem, se aproxime.

Gregory não conseguiu fingir que a última observação não tinha interesse para ele.

— Como sabe disso? Andou bisbilhotando a vida pessoal da moça?

— Foi uma atitude estritamente de rotina, Greg. Imaginei que se alguém soubesse alguma coisa sobre Laura Silver, esse alguém seria o ex-marido. E ele não fez a menor cerimônia ao contar sobre o casamento deles. O homem põe toda a culpa do divórcio sobre ela. Diz que a doutora o enlouqueceu de desejo até que ele a pediu em casamento, mas que, depois, ela se revelou um verdadeiro bloco de gelo na cama.

— Ele disse isso?

— E mais. Disse que ela não era nem ao menos mulher para ficar grávida. Acredite ou não, ainda há gente que pensa assim. Ele admite ter dado algumas “saidinhas”, mas apenas porque Laura era fria em relação a tudo, exceto ao trabalho.

— Parece ter um caráter admirável esse homem — Greg resmungou com ironia. — Mas a vida pessoal da Dra. Silver não me interessa, a não ser que venha interferir com a companhia.

— Muito bem, falemos sobre isso, então. Acho que devemos ficar de olho nela, caso resolva trabalhar no instituto.

— No relatório, nada indica essa necessidade, Chris.

— Estou tomando precauções, Greg. Ela me pareceu instável e ingênua.

— Mas, com certeza, honesta demais para nos trair propositalmente. Quanto à ingenuidade, posso pedir a Charles que diga a ela para ficar de boca calada, no que se refere ao trabalho. Ele achará desnecessário, mas irá acordar.

— Charles acha que eu vejo espiões escondidos atrás de cada arbusto e duvido que leve a sério minhas preocupações. De qualquer modo, em minha opinião a Dra. Silver é um problema em potencial e...

— E você quer que ela seja vigiada. — Gregory completou. — Vou pensar no assunto.

Era difícil dizer não a Chris. Eram amigos de infância e a primeira providência que Gregory tomara ao assumir a presidência da companhia fora



fazê-lo abandonar o Pentágono. E, sem dúvida alguma, Chris era muito bom no que fazia.

Após ficar sozinho, Gregory recomeçou o trabalho que havia interrompido: um discurso que pronunciaria em um congresso. Trabalhou por quase uma hora, quando então foi chamado ao telefone por seu filho mais novo, Jason. O garoto disse que preferia passar o fim de semana com ele, em vez de viajar para Monterey com a mãe e o padrasto.

Após Gregory se comunicar com Eleanor, ficou acertado que ele ficaria com os dois garotos, e que ela os levaria até a casa dele, antes de partir.

Logo depois de falar com a ex-esposa, Gregory deu os retoques finais no discurso e se preparou para sair. Teria conseguido, não fosse a chegada de Charles Duval.

Charles entrou no escritório com um ar satisfeito. Sentou-se e afrouxou o nó da gravata. Gregory, a contragosto, rendeu-se ao inevitável: o cientista não estava com pressa.

— E então? Como foi a visita?

— Boa. A Dra. Silver ficou impressionada conosco e nós com ela. Mas, talvez você tenha notado que ela é uma mulher bastante emotiva, não?

Gregory não se deu o trabalho de responder.

— Acho que notou — Charles prosseguiu. — Ela passará a noite na Franklin House. A irmã, Diana, virá buscá-la amanhã de manhã, o que significa que você terá oportunidade de trocar mais algumas palavras com ela ainda hoje.

Era algo que Gregory não tinha absolutamente nenhuma intenção de fazer. Não acreditava que teria mais sucesso com Laura Silver à noite do que havia tido à tarde.

— Acha mesmo que conversar com ela poderá fazer alguma diferença? Você viu a hostilidade dela comigo. Se a Dra. Silver aceitar o trabalho, será a despeito de mim, e não por mim.

— O aspecto moral da situação como já pôde perceber, são muito importantes para ela. Laura não quer trabalhar para o instituto porque ele é mantido pela Steiger-Schumann. Mas, já que ela não tem nenhum motivo para detestá-lo pessoalmente, sugiro que lhe mostre um aspecto seu que ela não conhece. Talvez se você lhe falasse sobre Melissa. . .

“Isso não! Nem mesmo por Charles Duval”, Gregory pensou. Seu comportamento em relação á Melissa era algo de que se envergonhava muito. Não costumava tocar no assunto nem mesmo com seus amigos mais íntimos, quanto mais com uma mulher que mal conhecia e que ainda por cima o detestava.

— Fale você com ela, Charles. Diga-lhe o que bem entender. David e Jason vão passar o fim de semana comigo e pretendo levá-los a um jogo, hoje à noite.

— É apenas quatro horas, Gregory. Tenho certeza de que pode gastar um pouco do seu tempo com a Dra. Silver. Eu falaria com ela, mas o efeito não seria o mesmo.

— Diabos, Charles! Não me interessa o brilhantismo dela. Deve haver outros biólogos tão bons quanto ela e que não dariam metade do trabalho que ela está dando.

Apesar da explosão, Gregory sabia que de nada adiantaria sua recusa. Charles Duval, como a maioria dos gênios, estava acostumado a que tudo corresse conforme seus desejos e, quando enfiava uma ideia na cabeça, não



Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

